

CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR DE COIMBRA

ANA GALHARDO
ILDA MASSANO CARDOSO
PAULA MARQUES

RESUMO: O presente estudo integrou o projecto “Descobre Outros Prazeres”, promovido pela Associação Académica de Coimbra, no âmbito do Plano Municipal de Prevenção das Toxicodpendências de Coimbra. Face à inexistência de dados específicos relativamente ao consumo de substâncias psicoactivas por parte dos estudantes do ensino superior de Coimbra, considerou-se pertinente realizar um estudo exploratório que permitisse caracterizar os padrões de consumo desta população. Deste modo, foi recolhida uma amostra de 517 indivíduos, com idades compreendidas entre os 17 e os 46 anos, inscritos em diferentes estabelecimentos de ensino superior de Coimbra, que voluntariamente aceitaram colaborar neste estudo, preenchendo um instrumento de auto-resposta, construído especificamente para o efeito: Inventário de Consumo de Substâncias (ICS).

De acordo com os dados recolhidos, foi possível identificar que o álcool e o tabaco são as substâncias mais consumidas, seguindo-se a *cannabis* e o *ecstasy*. O estudo permitiu uma abordagem de outras variáveis associadas ao consumo de substâncias, tendo os resultados obtidos revelado concordância com os encontrados em outros estudos europeus. Destaca-se que a idade média do início do consumo das substâncias mais utilizadas é de 15,78 anos para o álcool, 15,81 anos para o tabaco, 16,55 anos para a *cannabis* e 17,92 para o *ecstasy*.

Palavras-chave: Consumo; Substâncias psicoactivas; Alunos do ensino superior.

RÉSUMÉ: L'étude actuel fait partie du projet “Descobre Outros Prazeres” promu par l' *Associação Académica de Coimbra*, inclus dans de Plan Municipal de Prévention des Toxicomanies de Coimbra. En vertu de l'inexistence de données spécifiques par rapport à la consommation de substances psychoactives par les étudiants de l'enseignement supérieur de Coimbra, on a considéré pertinent la réalisation d'un étude d'investigation qui permette caractériser les modèles de consommation

de cette population. En effet, on a recueilli un échantillon de 517 individus âgés entre 17 et 46 ans, inscrits dans plusieurs établissements de l'enseignement supérieur de Coimbra, qui volontairement ont accepté collaborer dans cet étude, en remplissant un formulaire d'auto-réponse, élaboré spécifiquement à cet effet: Inventaire de Consommation de Substance (ICS).

D'après les données obtenues, il a été possible identifier que l'alcool et le tabac sont les substances les plus consommées, suivant par la *cannabis* et l'*ecstasy*. L'étude a permis une référence à d'autres variables associées à la consommation de substances, étant donné que les résultats obtenus révèlent concordance avec ceux obtenus dans autres études européens. On conclut que l'âge moyenne du début de la consommation des substances les plus utilisées c'est entre 15,18 ans pour l'alcool, 15,81 ans pour le tabac, 16,55 ans pour la *cannabis* et 17,92 ans pour l'*ecstasy*.

Mots-clé: Consommation; Substances psychoactives; Élèves de l'enseignement supérieur.

ABSTRACTS: The present study was included in the “Descobre Outros Prazeres” project, which was promoted by *Associação Académica de Coimbra* and takes part in the *Plano Municipal de Prevenção das Toxicodpendências de Coimbra*. The inexistence of specific data related to the use of psychoactive substances by college students of Coimbra, led us to consider this exploratory study an important step towards the characterization of substance use patterns by this population. We used a sample of 517 college students, aged between 17 years old and 46 years old, who voluntarily completed a self-report instrument designed specifically for this study: The Substance Use Inventory (ICS).

The results allowed us to identify that alcohol and tobacco are the most used substances, followed by *cannabis* and *ecstasy*. Our data also allowed addressing some other variables related with substance use and the results are congruent with the ones of other European studies. The mean age for initial consumption is 15,78 years for alcohol, 15,81 years for tobacco, 16,55 years for *cannabis* and 17,92 years for *ecstasy*.

Key Words: Drug use; Psychoactive substances; Tertiary students.

1. INTRODUÇÃO

O ensino superior coincide com um período desenvolvimental que apresenta novas tarefas e desafios aos estudantes que o frequentam. Trata-se de uma etapa que se pauta pela experiência de situações novas, as quais implicam uma maior autonomia em relação à família e o confronto com novas exigências e expectativas (Sprinthall & Collins, 1994).

Os objectivos deste estudo prenderam-se com a necessidade de obter informação acerca dos padrões de consumo encontrados na população estudantil do ensino superior de Coimbra. Como tal, encontrando-se a Associação Académica de Coimbra (AAC) a promover o projecto “Descobre Outros Prazeres”, no âmbito do Plano Municipal de Prevenção das Toxicodependências de Coimbra, tornou-se fundamental a realização deste estudo exploratório, de forma a orientar as estratégias preventivas dirigidas a esta população-alvo. Neste contexto, pretendeu-se saber também quais as principais motivações que levam os estudantes a consumir substâncias psicoactivas e quais os factores que aqueles que não consomem consideram relevantes para o seu comportamento de não consumidores. Estas questões têm subjacente a ideia de que o consumo de substâncias poderá ser um risco ou um desafio, dependendo dos objectivos que cumpre para os sujeitos, do grau com que estes são capazes de obter experiências semelhantes com recursos a meios menos prejudiciais, assim como do conjunto de competências que lhes permite tomar decisões conducentes a uma vida mais “equilibrada” (Kloep & Henry, 1999).

Assim, dada a escassez de instrumentos construídos para este efeito, revelou-se imprescindível a elaboração de um instrumento de auto-resposta, o qual foi designado como Inventário de Consumo de Substâncias (ICS).

A designação de inventário relacionou-se com o facto de evitar a utilização da palavra “teste”, uma vez que, de acordo com Ribeiro (1999), esta última sugere que o indivíduo se sintia avaliado e tente fazer o melhor possível.

Efectivamente, não existem respostas certas ou erradas no que se pretendeu avaliar, sendo que o solicitado aos sujeitos se relacionou com hábitos de consumo e opiniões acerca de diferentes aspectos.

2. MÉTODO

2.1. Participantes

Estudantes do ensino superior de Coimbra. De entre estes foi recolhida uma amostra de 517 indivíduos que acederam voluntariamente a colaborar no estudo, preenchendo um instrumento de auto-resposta.

No Quadro 1 são apresentadas as principais características da amostra em termos das variáveis demográficas género, idade e estado civil.

Quadro 1 – Caracterização Geral da Amostra

Sexo	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
	181	35,0	336	65,0	517	100
Idade						
Média	21,34		20,08		20,52	
DP	3,83		3,15		3,45	
Md	21		19		20	
Mo	18		18		18	
Min.	17		17		17	
Max.	40		46		46	
Estado Civil						
Solteiro	177	97,8	330	98,2	507	98,1
Casado	3	1,7	5	1,5	8	1,5
Divorciado	1	0,6	1	0,3	2	0,4

A amostra é constituída por 517 indivíduos, sendo 181 do sexo masculino e 336 do sexo feminino. A média das idades dos indivíduos situa-se nos 20,52 anos (DP=3,45). Relativamente ao estado civil, o valor mais frequentemente encontrado é o dos indivíduos solteiros 507 (98,1%), seguido do dos casados 8 (1,5%) e divorciados com apenas 2 (0,4%) sujeitos. Para verificar a existência de diferenças

significativas entre os sexos relativamente à média das idades, foi calculado o teste t, verificando-se a existência de diferenças estatisticamente significativas ($t=3,908$; $p<0,0001$; $gl=516$).

Existiu uma representatividade das diferentes licenciaturas leccionadas em estabelecimentos do ensino superior de Coimbra. Contudo, destacam-se como mais representados os alunos de Direito e Psicologia com 79 alunos (15,3%) cada, seguidos de Ciências do Desporto e Educação Física com uma frequência de 52 (10,0%) e Economia com 40 (7,7%) indivíduos.

No que respeita ao ano frequentado, o valor médio situa-se no segundo ano ($DP=1,34$), sendo o valor mais frequente o dos estudantes do primeiro ano com 222 indivíduos (42,9%), seguidos do segundo ano com 146 (28,2%), e do quarto ano com 70 (13,5%) sujeitos. De notar ainda que 41 alunos frequentam o terceiro ano (7,9%) sendo os anos com menor representatividade os quinto e sexto anos com 33 (6,4%) e 3 (0,6%) indivíduos respectivamente. Apenas 2 indivíduos (0,4%) se encontram a frequentar o ensino pós-graduado.

2.2. Instrumento

O ICS é um inventário de auto-resposta constituído por doze questões principais, possuindo, algumas delas, sub-divisões. Para além destas, são também solicitados os seguintes dados demográficos: idade, sexo, estado civil, curso e ano que frequenta.

É abordado o consumo de substâncias lícitas e ilícitas, a frequência em que ocorre e a respectiva idade de início e condições de consumo. É também avaliada a existência de poli-consumos e a percepção de controlo do próprio sujeito sobre o seu consumo.

Segue-se a listagem das razões pelas quais o indivíduo consome drogas, a qual é respondida numa escala tipo *Likert* de cinco pontos, indo de "Não concordo" a "Concordo muitíssimo". As catorze razões presentes no inventário podem dividir-se nos seguintes grupos: recreação/diversão; integração no grupo de pares; forma de lidar com diferentes tipos de problemas, tendo sido recolhidas com base na análise da literatura.

No mesmo sentido, considerou-se pertinente a avaliação da percepção que o respondente possui acerca dos motivos que levam os outros estudantes a consumir substâncias,

independentemente de as ter, ele próprio, já consumido, ainda consumir ou nunca o ter feito. A avaliação da percepção da perigosidade de seis situações diferentes de consumo (quer em termos de substâncias, quer em termos de frequência do consumo e quantidade de substância consumida), é respondida numa escala tipo *Likert* de quatro pontos, indo de "Não é perigoso" a "Extremamente perigoso". Segue-se um item em que são listados seis comportamentos de risco que, de acordo com Marks, Murray, Evans, Willig, Woodall e Sykes, 2005, podem ser potenciados pelo consumo de álcool ou outro tipo de substâncias, devendo o respondente assinalar Sim ou Não relativamente ao facto de já ter evidenciado algum dos comportamentos mencionados. Com este instrumento é ainda possível identificar a percepção que os indivíduos não consumidores têm acerca dos factores de protecção em relação à sua decisão de não consumir.

3. PROCEDIMENTO

A administração do referido instrumento foi efectuada entre os meses de Julho a Novembro 2003 em locais como: cantinas, bares das faculdades, edifício da AAC e Secretaria Geral da Universidade de Coimbra, enquanto os estudantes aguardavam para proceder ao acto de matrícula.

Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS 12.0), recorrendo-se a estatística descritiva e inferencial.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Relativamente ao consumo de tabaco, 328 estudantes referem não ser fumadores (63,4%) e 189 afirmam sê-lo (36,6%). O cruzamento da variável hábito tabágico com a variável sexo mostra que 57,5% (104) dos homens não fuma, enquanto que 42,5% (77) fumam. No sexo feminino temos 66,7% (224) de mulheres que não fumam e 33,3% (112) de mulheres que fumam. De notar que existe uma relação significativa entre as variáveis em causa ($\chi^2=4,30$; $p<0,038$; $gl=1$). A média da idade de início do consumo de tabaco situa-se nos 15,81 anos ($DP=2,02$).

Quanto ao consumo de álcool, 371 (71,8%) indivíduos consomem álcool e 146 (28,2%) não consomem. Através do

cruzamento das variáveis consumo de álcool e sexo, verificamos que 35,0% (181) dos indivíduos que constituem a amostra são do sexo masculino, dos quais 85,1% (154) bebem álcool, enquanto que apenas 14,9% (27) referem não beber. O sexo feminino representa 65,0% (336) do total da amostra. Assim, das mulheres inquiridas, 64,6% (217) consome álcool e 35,4% (119) diz não o fazer. Através do cálculo de um teste do qui-quadrado ($\chi^2=24,39$; $p<0,0001$; $gl=1$) concluímos que existe uma relação significativa entre o consumo de álcool e o género, para um nível de significância de 1%. A média da idade de início do consumo situa-se nos 15,78 anos ($DP=1,67$).

Relativamente à frequência do consumo de álcool a resposta mais frequente foi “Uma a duas vezes por mês” com 114 (30,7%), seguida da opção “Duas vezes por

semana” respondida por 101 (27,2%) sujeitos. No que se refere ao consumo de “Fim-de-semana”, 99 (26,7%) estudantes afirmam fazê-lo, enquanto que 22 (5,9%) dizem só consumir álcool nas “Férias”. As respostas menos frequentes foram as relativas ao “Consumo diário” 16 (4,3%) e “Uma a duas vezes por ano” 19 (5,1%).

Quanto ao sexo masculino, a frequência do consumo com maior expressão é a da “Duas vezes por semana” (dias úteis) (38,5%), seguida do consumo efectuado ao “Fim-de-Semana” (26,0%), sendo as outras possibilidades de resposta menos vezes referidas.

Quanto ao sexo feminino, a frequência do consumo com maior expressão é a da “Uma a duas vezes mês” (39,6%), seguida do consumo efectuado ao “Fim-de-Semana” (27,2%), sendo as outras possibilidades de resposta menos vezes referidas.

Quadro 2 – Resultados totais do consumo de drogas ilícitas relativos ao total da amostra

Droga	<i>Cannabis</i>		Anfetaminas		<i>Ecstasy</i>		LSD		Cogumelos		Cocaína		Heroína	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nunca	334	64,6	510	98,6	492	95,2	509	98,5	496	95,9	508	98,3	514	99,4
Experimentei mas não voltei a fazê-lo	82	15,9	5	1,0	15	2,9	1	0,2	7	1,4	7	1,4	3	0,6
Já consumi mas não consumo actualmente	48	9,3	2	0,4	8	1,5	6	1,2	9	1,7	2	0,4	—	—
Fim-de-semana/férias	19	3,7	—	—	1	0,2	1	0,2	2	0,4	—	—	—	—
Uma vez por mês	9	1,7	—	—	1	0,2	—	—	1	0,2	—	—	—	—
Uma vez por semana	9	1,7	—	—	—	—	—	—	2	0,4	—	—	—	—
Várias vezes por semana	11	2,1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Todos os dias	5	1,0	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

A idade média do primeiro contacto com drogas ilícitas oscila entre os 16,55 anos ($DP=2,20$) e os 19,17 anos ($DP=2,04$). De salientar que a idade do primeiro consumo de *cannabis*, segundo os resultados obtidos, foi aos 12 anos de idade. A idade máxima encontrada para iniciar este consumo foi os 24 anos. Todos os outros consumos tiveram como idade mínima os 16 anos.

Os respondentes fazem sobretudo uso de drogas em casa de amigos (31,4%), na sua própria casa e na companhia de amigos (27,1%) e em festas (18,6%). Tal supõe a utilização deste tipo de substâncias em contextos de recreação.

Relativamente aos policonsumos, verificámos que a maioria dos indivíduos que consome drogas ilícitas o faz em simultâneo com outras substâncias. Dos 77 estudantes que responderam a esta questão 44 (57,1%) afirma ter

policonsumos os quais incluem o consumo conjunto de drogas ilegais e álcool. Os restantes indivíduos, 33 (42,9%) consomem apenas uma substância ilegal de cada vez.

Quanto à percepção de controlo sobre o consumo, verifica-se que 66 (90,4%) sujeitos consideram que “Pode deixar de consumir quando quiser”, enquanto que dos 73 estudantes que responderam, 4 (5,5%) “Pensa em deixar de consumir, mas adia a decisão” e apenas 3 (4,1%) “Já tentou deixar de consumir mas tem dificuldade em fazê-lo”. A ideia de poder deixar de consumir drogas quando quiser é da ordem dos 90,4% na população geral de estudantes.

Apresenta-se no Quadro 3, factores protectores sobre os quais os estudantes não consumidores de substâncias ilícitas se pronunciaram.

Quadro 3 – Factores Protectores

Factores Protectores	Não concordo		Concordo pouco		Concordo moderadamente		Concordo muito		Concordo muitíssimo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Não sente necessidade de consumir substâncias para se divertir ou integrar no grupo de amigos (N=427)	5	1,2	3	0,7	24	5,6	88	20,6	307	71,9
Não sente necessidade de consumir substâncias para lidar com os problemas (N=428)	4	0,9	2	0,5	30	7,0	106	24,8	286	66,8
Dá importância à sua saúde e estilo de vida (N=428)	5	1,2	9	2,1	49	11,4	97	22,7	268	62,6
Tem uma boa relação com a família (N=427)	17	4,0	15	3,5	69	16,1	104	24,4	222	52,0
Tem um grupo de amigos com quem pode contar (N=419)	15	3,6	16	3,8	71	16,9	131	31,3	186	44,4
O curso está a correr bem e sente-se bem sucedido(a) (N=403)	28	6,9	25	6,2	107	26,6	124	30,8	119	29,5
Medo das consequências/consciência (N=2)	–	–	–	–	–	–	1	50,0	1	50,0

Quanto ao envolvimento em comportamentos considerados de risco, dos 517 inquiridos, 124 (23,9%) dizem já ter conduzido sob o efeito do álcool, 381 (73,7%) afirmam não o ter feito, enquanto que 12 (2,35%) dos inquiridos não respondem à pergunta. Por sua vez, 64 (12,7%) estudantes afirmam já ter tido relações sexuais desprotegidas sob o efeito de álcool, enquanto que a grande maioria não o fez 440 (87,3%). De referir o facto de 13 (2,5%) pessoas não responderem à pergunta. Quanto ao envolvimento sexual, sob o efeito de álcool, com um desconhecido, 53 (10,5%) dos inquiridos respondem afirmativamente, contra 452 (89,5%) que dizem nunca o ter feito. Dos 517 sujeitos, 12 (2,3%) não responderam. Relativamente ao facto dos estudantes já se terem envolvido alguma vez em brigas ou discussões graves, conclui-se que a maioria dos inquiridos 452 (89,5%) nunca o fez, sendo que 53 (10,5%) afirmam já ter tido essas discussões sob o efeito de álcool. Os comportamentos violentos (ex: actos de vandalismo) praticados sob o efeito do álcool traduzem-se em 7,5% dos indivíduos que responderam a esta questão, enquanto que afirmaram nunca o ter feito 92,5% dos 505 respondentes. Note-se que considerámos a existência de 12 não respostas. Questionados quanto ao facto de alguma vez terem tido problemas com a autoridade sob o efeito do álcool, 95,4% dos estudantes afirmam nunca ter tido

problemas, enquanto que 4,6% confessam já terem passado por esta experiência. A amostra considerada válida é constituída por 505 indivíduos já que 12 deles não responderam a esta questão.

5. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os resultados obtidos estão de acordo com o Relatório do Observatório Europeu da Droga e Toxicoddependência para o ano de 2003. De acordo com resultados apresentados, verifica-se que o consumo de álcool e *cannabis* é referido como mais frequente nos indivíduos do sexo masculino comparativamente com os do sexo feminino. Relativamente à idade/ano de frequência universitária, poderemos equacionar a hipótese de haver um menor número de consumos em virtude do início da frequência universitária, sendo que o preenchimento do ICS se realizou também aquando do acto de matrícula. Neste sentido, é possível que, em função da metodologia seguida na recolha de dados (preenchimento de um instrumento de auto-resposta, sem administração conjunta de outro instrumento que permitisse controlar factores relacionados com a desejabilidade social) e por se tratar de um primeiro contacto com o ensino superior, os sujeitos tenham, eventualmente, omitido consumos. Por outro lado, o enquadramento e a

coabitação com a família nuclear são tidos como factores de protecção, pelo que é possível colocar a hipótese da inexistência de consumo de substâncias, sobretudo ilícitas, até à entrada no ensino superior por parte de alguns deles. Como tal, seria interessante realizar um estudo longitudinal, com o propósito de avaliar até que ponto os primeiros consumos se iniciam neste período desenvolvimental, ou nos casos em que houve um contacto com drogas prévio ao ingresso no ensino universitário, os mesmos aumentam, se mantêm ou cessam.

Se assim for, estes resultados apontam para a importância da prevenção, no sentido de diminuir a probabilidade de os não consumidores virem a consumir. De acordo com Martinet e Bohadana (2003), que afirmam a existência de uma correlação positiva entre o consumo tabágico e a alcoolização, também os nossos resultados apontam a existência desta associação. Quanto à frequência do consumo de álcool, os resultados parecem traduzir aquilo que Giddens (1994) designa como “sectores de estilo de vida”, isto é, uma porção do espaço-tempo total das actividades dos sujeitos, na qual são realizadas práticas consistentes e ordenadas. De acordo com esta ideia, poderemos equacionar que as noites das terças e quintas-feiras em Coimbra corresponderão às tais “duas vezes por semana” em que os indivíduos consomem álcool, em contraste com as restantes noites da semana. Facilmente se identifica que estas duas noites são sistematicamente escolhidas para a diversão nocturna, uma vez que uma larga percentagem dos estudantes universitários de Coimbra se encontra deslocada. Assim sendo, os fins-de-semana são habitualmente passados com a família e amigos de infância, sendo o regresso à Universidade feito na segunda-feira e a terça-feira escolhida para o reencontro com os colegas e amigos de faculdade. Após uma noite de diversão, a quarta-feira intervala uma outra, também dedicada à diversão nocturna, pois na sexta-feira há que retornar à casa e à família. Estas duas noites acabam por ser exploradas pelos locais de diversão nocturna, bares, discotecas, indústrias de música e de bebidas alcoólicas, que organizam festas, promoções e outros eventos que funcionam como reforçadores destes sectores de estilo de vida. Ao analisar o consumo de diferentes drogas ilícitas e respectiva frequência de consumo, constatamos que cerca

de metade dos indivíduos inquiridos já teve contacto com este tipo de substâncias (49,7%), sendo a *cannabis* a mais referida (36,4%).

Estes resultados vão no sentido do que é apontado por Morel, Boulanger, Hervé, Tonnelet (2001), os quais referem que a *cannabis* é a droga ilícita de maior consumo em França, logo seguida do *ecstasy*, cujo consumo é superior ao das restantes drogas ilegais.

De um modo geral, as médias das idades de um primeiro contacto com drogas ilícitas oscilam entre os 16,55 (DP=2,20) e os 19,17 (DP=2,04) anos de idade. No entanto, verificamos, pelas médias das idades do início do consumo das diferentes drogas, que o início do consumo de *cannabis* é prévio ao das restantes, sendo que as anfetaminas, o *ecstasy*, o LSD e a heroína têm como idades de início do consumo as que rondam a entrada para o ensino superior. Já os cogumelos mágicos e a cocaína possuem idades de início para o seu consumo mais tardias, ou seja, já durante a frequência universitária.

Estas substâncias tendem a ser consumidas pelos estudantes da amostra sempre na companhia de amigos, em casa e em festas, pelo que mais uma vez se sublinha a utilização recreativa das mesmas.

Numa tentativa de avaliar a percepção de controlo que os estudantes que consomem drogas consideram ter sobre o seu próprio consumo, verificamos que uma percentagem significativa (90,4%) refere poder deixar de consumir quando assim o entender. Tal leva-nos a considerar a possibilidade de existir uma percepção distorcida do controlo, atendendo ao risco de dependência que estas substâncias podem acarretar.

Relativamente às razões do consumo por parte de quem consome, salienta-se como a razão com maior expressão a de obter divertimento. Com efeito, verifica-se que o uso recreativo das drogas assume uma maior proporção que aquele que é feito com outro tipo de motivações subjacentes, o que está de acordo com os resultados avançados pelo relatório do Observatório Europeu da Droga e Toxicodependência (2003). De facto, a maioria das pessoas que consome substâncias psicoactivas em locais de diversão nocturna fá-lo por divertimento, havendo uma relação clara entre o consumo recreativo, a música e a vida nocturna (Henriques, 2003).

Quando são inquiridos os estudantes que não consomem, relativamente aos factores que, de acordo com Moreira (2001), podem, nas suas vidas, funcionar como protectores, constatamos que, de um modo geral, os factores apontados pelo ICS são realmente valorizados na sua função de protecção, sendo de destacar “Não sinto necessidade de consumir substâncias para me divertir”. Tal sugere que, como afirma Miguel (2003), estes indivíduos foram capazes de encontrar a dimensão do prazer em outros acontecimentos, actividades ou relações, pelo que não vêem o prazer como dependente das substâncias e seu consumo.

Em relação à existência de comportamentos ditos de risco sob o efeito de substâncias, é de apontar que da lista de comportamentos apresentada, aquele que denota uma maior ocorrência é o da condução de veículos (23,9%), seguido das relações sexuais desprotegidas (12,4%).

Apesar das limitações já apontadas, o presente estudo remete-nos para a necessidade de desenvolver estratégias preventivas mais específicas em relação ao consumo excessivo de álcool, bem como ao consumo de *cannabis* na população estudada, uma vez que as restantes substâncias apresentaram valores de consumo que podem ser considerados residuais, ainda que merecedoras de atenção.

Ao identificar como principal motivação do consumo a obtenção de prazer e divertimento, é possível orientar as actividades a desenvolver futuramente no âmbito da prevenção no sentido de alcançar mais eficazmente a população-alvo. Assim, sugere-nos a necessidade de concretizar actividades no período da noite, em locais fundamentalmente associados a diversão nocturna e em noites específicas como sejam as das terças e quintas-feiras, as dos fins-de-semana, não sendo de descurar, pelo contexto de especificidade com que se reveste, a inclusão das Festas Académicas.

É ainda de reforçar a pertinência, até porque o consumo de drogas obedece à lei da oferta e da procura, da acessibilidade a alternativas saudáveis, de modo a não comprometer a abstinência ou o consumo moderado dos estudantes habitualmente não consumidores e sensibilizar os que consomem para os riscos associados, disponibilizando alternativas atractivas.

Obviamente que este estudo não pode ser encarado como uma tarefa fechada. Seria, em nosso entender, de todo o

interesse o seu prosseguimento de modo a trabalhar as suas limitações e a obter uma visão mais detalhada, e ao mesmo tempo abrangente e fidedigna, do consumo de substâncias por parte dos estudantes a frequentar instituições de ensino superior de Coimbra.

Contactos:

Ana Galhardo (anagalhardo@ismt.pt)
Ilda Massano Cardoso (ildamassano@ismt.pt)
Instituto Superior Miguel Torga
Largo da Cruz de Celas, nº1
3000 Coimbra
Tel. 239488030

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Giddens, A. (1994). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora.
- Henriques, S. (2003). *O universo do ecstasy – contributos para uma análise dos consumidores e ambientes*. Azeitão: Autonomia 27.
- Kloep, M., & Henry, L. B. (1999). “Challenges, risks and coping in adolescence”. In D. Messer, & S. Millar (Eds.). *Exploring developmental psychology from infancy to adolescence*. London: Arnold Publishers.
- Marks, D. F., Murray, M., Evans, B., Willig, C., Woodall, C., & Sykes, C. M. (2005). *Health psychology, theory, research & practise*. London: Sage Publications.
- Martinet, Y., & Bohadana, A. (2003). *O tabagismo: Da prevenção à abstinência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Miguel, N. (2003). “Uma questão de valores adquiridos ao longo da vida”. In *O Primeiro de Janeiro. Toxicodependência – novos caminhos e soluções*. Porto: Fólio Edições.
- Moreira, P. (2001). *Para uma prevenção que previna*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Morel, A., Boulanger, M., Hervés, F., & Tonnelet, G. (2001). *Prevenção das toxicomanias*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Observatório Europeu da Droga e Toxicodependência (2003). *A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências*. Relatório final. Recuperado em 2005, Novembro 03, de <http://www.drogas.pt/id>.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia da saúde*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (1994). *Psicologia do adolescente uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.